

O Perfume de Mulher nas Minisséries Brasileiras¹

Profa. Dra. Anna Maria Balogh²
Universidade Paulista - UNIP
Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP

Resumo:

O trabalho enfatiza a participação feminina sempre crescente nas várias etapas da realização e da produção de minisséries, bem como uma expansão notória de retratos multifacetados de heroínas no formato cujas trajetórias contribuem sobremodo para a construção de nossa identidade através da ficção.

Palavras-chave: minisséries; retratos multifacetados de heroínas; construção de nossa identidade.

Dos formatos de ficção próprios da televisão brasileira (série, seriado, telenovela, minissérie, microssérie e unitário) o primeiro a alcançar reconhecimento internacional foi, sem dúvida, a telenovela. Posteriormente o *know-how* adquirido com aquele formato foi sendo aperfeiçoado e estendido às minisséries que passaram a representar a quinta-essência do esmêro em termos de realização e produção fictícia na TV, formato preferido da maioria dos roteiristas.

A minissérie, formato fechado que vai ao ar inteiramente terminado, difere da novela, cuja exibição e gestação coincidem e está mais inserida dentro da *estética da repetição* própria da maior parte dos formatos fictícios de TV. Devido ao seu alto nível de excelência, às marcas mais fortes de autoria em todos os estágios da produção, à frequência de textos adaptados de autores de renome, entre outros, a minissérie se destaca dos demais como um produto *sui-generis* e a cada novo lançamento costuma gerar ampla parasserialidade (críticas, notas, entrevistas, chamadas, etc...) versando sobre os esforços realizados pela equipe no tocante à pesquisa prévia, seleção de elencos renomados, produções de alto custo com frequentes deslocamentos ou translados, no país ou no

¹ Trabalho apresentado ao NP 14 - Ficção Seriada, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Professora livre-docente ECA/USP, professora Titular Pós em Comunicação - UNIP, autora de *O Discurso Ficcional na TV, 2002* - EDUSP, organizadora com colegas da UNIP de *Mídia, Cultura, Comunicação, Arte e Ciência, 2002*.

exterior, esmêro em locações, cenários, vestuários, etc...sobretudo quando se trata de uma minissérie de época, em geral bem mais custosa.

Além dos aspectos mencionados, a minissérie brasileira difere bastante das estrangeiras, bem mais curtas e chega a atingir extensões inimagináveis nesse aspecto, na visão dos estrangeiros, ultrapassando os 30 capítulos em diversas obras. Dentro de um tal contexto, se entende que os formatos bem breves, similares aos estrangeiros, receberam no Brasil a denominação de *microséries* como o exitoso *O Auto da Compadecida* de apenas quatro episódios. Por ser exibida em geral após as 22:00hs no mosaico de programação, a minissérie pressupõe um público mais seletivo, com maiores opções de lazer que os dos horários prévios.

Autoras - Roteiristas - Realizadoras:

É com prazer que se constata que um produto tão esmerado da televisão brasileira venha contando com uma presença feminina cada vez mais marcante nos diversos estágios de realização. *O perfume de mulher* chegou com todo o seu sutil aroma às minisséries brasileiras.

Nos formatos do passado, os autores adaptados eram em sua esmagadora maioria escritores - homens célebres, tais como Jorge Amado, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa e outros. Em anos mais recentes nota-se a presença de escritores famosos como Rachel de Queiroz e Dinah Silveira de Queiroz e escritoras que vão se firmando como Letícia Wierzchowski. A presença feminina também se estende à realização. *A Muralha* tem supervisão geral de Denise Sarraceni junto com Daniel Filho e constitui uma produção do *Núcleo Denise Sarraceni*; *A Casa das Sete Mulheres* traz a direção de Tereza Lampreia; *Desejo* foi dirigida por Denise Sarraceni e Wolf Maya; *O Pagador de Promessas* por Tizuka Yamazaki, entre outras. Em termos de roteirização tem-se Glória Perez em *Hilda Furacão* e bem como em *Desejo* em colaboração com Margareth Menezes; em *O Primo Basílio*, Gilberto Braga tem a parceria de Leonor Bassères e Maria Adelaide Amaral vem estando cada vez mais presente em produções consagradas como *A Muralha*, *Os Maias* e *A Casa das Sete Mulheres* e certamente muitas outras virão.

Protagonistas:

A presença da mulher não se limita a estes aspectos, a minissérie privilegia a representação da mulher e muitas delas são protagonizadas por mulheres como indicam os

próprios títulos tais como *O Memorial de Maria Moura*, *Chiquinha Gonzaga* e *Hilda Furacão*, entre outras. Muito embora várias novelas nacionais tenham consagrado personagens femininas marcantes tais como a sensual Gabriela (Sonia Braga), a mirabolante viúva Porcina (Regina Duarte), a ambiciosa Odete Roitman (Beatriz Segall) e a malvada Maria de Fátima (Glória Pires) e outras tantas, o ritmo industrial de realização da novela leva à criação de personagens mais próximos ao cliché, ao estereótipo. Na minissérie é possível um maior aprofundamento na psicologia, na caracterização, nas trajetórias e no universo passional dos personagens. Assim sendo, o formato tem contribuído de forma substancial para a composição de um retrato rico, plural, o mais multifacetado possível do feminino tal como manifesto na tradição cultural brasileira. Neste sentido, este vasto caleidoscópio de representações do feminino contriui para a solidificação da identidade social da *brava gente brasileira* constituída de milhões e milhões de espectadores.

Femmes Fatales e Femmes Avant-Garde:

As narrativas podem se basear no real filtrado pela ficção, ou podem ser totalmente fictícias, mas já vão formando tipologias na vasta galeria de mulheres representada. Na maioria das vezes, trata-se de heroínas com fortes traços de vanguardismo e cujas atitudes subvertem o *status quo* vigente na sociedade em que viveram nos mais variados âmbitos: como Ana, ao trair o marido Euclides da Cunha com o jovem militar Dilermando em *O Desejo*. A subversão pode ser de ordem política, como a opção da rica burguesinha Heloísa ao se engajar na luta armada em *Anos Rebeldes*. Os enfrentamentos com a sociedade vigente podem ser fruto de ordem profissional quanto moral, como as opções de Chiquinha Gonzaga por ser maestrina e compositora, ativista nas reivindicações de sua classe, bem como de viver vários romances sendo o mais subversivo a adoção de seu amante muito mais jovem do que ela como filho.

O número mais elevado de transgressões se fazem no âmbito moral dado que as sociedades das mais variadas épocas em geral primaram por fixar padrões muito rígidos para a conduta feminina e outros bem menos rígidos para a conduta masculina. Por esta razão é que as transgressões femininas aos interditos sociais geralmente exigem muito mais coragem e ousadia, são mais dolorosos e envolvem grande risco para as transgressoras e têm, como consequência, um grande impacto dramático. Além de Ana, que trai Euclides da

Cunha com um militar bem mais moço gerando uma série de mortes trágicas na sequência dos acontecimentos em *O Desejo*, temos Luísa (Giulia Gam) que perde todas as benesses de sua vida pequeno-burguesa na Lisboa do século XIX ao trair o marido (Toni Ramos) com o primo Basílio (Marcos Paulo) e tornar-se, assim, refém das chantagens da malvada Juliana (Marília Pera), a empregada. Hilda Furacão (Ana Paula Arósio) abandona a sua vida de moça da sociedade mineira para provocar paixões devastadoras, tal como seu nome prenuncia, vivendo no *bas-fond* exercendo a profissão mais antiga do mundo. Os processos de sedução retratam uma vasta galeria de *femmes fatales*, bem como de aproveitadores masculinos que as transformam nas mulheres-vítimas prediletas do melodrama em alguns casos.

Por vezes se manifesta uma visão mais leve, mais alegre e bem humorada destas transgressões de ordem moral como em *Memórias de um Gigolô*. Na obra Lu (Bruna Lombardi) é uma belíssima *moça alegre* da casa de Madame Iara (Elke Maravilha) com cabelos cortados *à la garçonne*, estilo Louise Brooks Lu vive sem maiores problemas de consciência, bem no estilo dos anos 20, seu triângulo amoroso com o aprendiz de gigolô Mariano (Lauro Corona) e o gigolô Esmeraldo (Ney Latorraca), além de suas atividades profissionais com os clientes, é claro... e temos aí uma versão em minissérie com a leveza do antigo filme sobre o tema *Irma, la douce*...

Os Maias parece ser, por outro lado, a minissérie em que os aspectos morais e a sexualidade são vistas de uma maneira muito forte. Já no romance Eça de Queiroz carregou nas tintas do universo passional: adultério, fuga, suicídio, adultério de novo e... o inconcebível para a sociedade portuguesa do século XIX: o incesto, um tabu. Deste tabu estabelecido como regra teria nascido a cultura, segundo Levi-Strauss. Já na primeira parte da minissérie Pedro Maia (Leonardo Vieira) rapaz inseguro, produto de educação muito religiosa se apaixona por Maria Monforte (Simone Spoladore) e rompe com o pai (Walmor Chagas) para casar-se com ela. Ao ferir acidentalmente um príncipe italiano (Fábio Fulco), Pedro o leva para recuperar-se em sua casa, decisão trágica, posto que a mulher se apaixona pelo príncipe, trai o marido e foge com o amante deixando o filho para trás e levando consigo a filha na fuga. Pedro, incapaz de fazer face à situação suicida-se e o filho é criado pelo avô. Já moço, o rapaz (Fábio Assunção) termina por encontrar a irmã (Ana Paula Arósio) que é casada com Castro Gomes (Paulo Betti), ambos estão temerosos diante da

possibilidade de adultério, mal sabem eles que a concretização de seu amor redundará em incesto, um dos maiores tabus da cultura ocidental, e um dos temas favoritos do melodrama, aqui inserido dentro de uma obra-prima da literatura e sua transposição polêmica para minissérie com liberdades tomadas por Aracy Amaral em relação ao texto de partida. De qualquer modo, as heroínas de *Os Maias* se caracterizam por fortes transgressões de ordem moral, sobretudo para a sociedade da época, cuja decadência Eça de Queiroz visava representar e o fez de forma bem contundente.

Guerreiras:

Em outras manifestações do mesmo formato, nota-se uma ênfase no papel de mulheres-guerreiras que consubstanciam em suas trajetórias algumas facetas marcantes do feminino e outras facetas do masculino numa síntese rara, com alto grau de tensividade e plena de carga dramática.

Em *A Casa das Sete Mulheres* há uma forte expansão do papel de Anita Garibaldi (Giovanna Antonelli) em relação ao romance. Tal como as heroínas previamente mencionadas ela desafia os padrões morais de sua época ao abandonar o marido alcoólatra e unir-se a Garibaldi (Thiago Lacerda) e ter um filho com ele. Mas ela não se limita a isso, ela luta de forma destemida e audaz nas batalhas da Revolução Farroupilha ao lado de seu amado Garibaldi, uma guerreira, enfim. Isabel (Alessandra Negrini), em *A Muralha* é bem menos idealista que Anita, mas é selvagem, arredia e luta qual um homem como o braço direito de Dom Braz de Olinto (Mauro Mendonça) e como uma mulher, não muito ética, pelo amor de Tiago Olinto (Leonardo Brício) contra a sua ingênua prometida vinda de Portugal, Beatriz (Leandra Leal).

No *Memorial de Maria Moura*, a personagem-título (Glória Pires) luta contra a opressão do mundo patriarcal, contra a orfandade e toda a sorte de ameaças contra a sua pessoa e suas terras até que decide entrar no jogo de violência e opressão do mundo masculino para preservar sua liberdade e passa a liderar um bando de homens. Quando deixa aflorar sua feminilidade e se apaixona, depara com o mau-caráter Cirino (Marcos Palmeira) é perigoso ser feminina num mundo de homens rudes...

Naturalmente, a figura mais emblemática desta inquietante conjunção de traços do masculino e do feminino é, sem dúvida alguma Diadorim, da obra-prima de Guimarães Rosa *Grande Sertão: Veredas*, roteirizada para a minissérie de TV por Walter George

Durst. Diadorim (Bruna Lombardi) tem que se fazer passar por homem para poder fazer parte de um bando de jagunços e vingar a morte de seu pai Joca Ramiro (Rubens de Falco) assassinado pelos traidores liderados por Hermógenes (Tarcísio Meira). Enquanto sua vingança não estiver completada Diadorim não pode revelar seu amor por Riobaldo (Toni Ramos) e nem este o seu amor por Diadorim por julgá-lo culposos, um amor homossexual. Deste modo, as relações entre ambos são cheias de subentendidos, idas e vindas, atração e repulsão, paixão e culpa construindo um universo muito denso do ponto de vista dramático e com um desenlace muito melodramático, segundo Durst: só a morte de Diadorim é que revelará sua verdadeira identidade; o corpo perfeito de uma mulher e o seu verdadeiro nome: Maria Diadorina da Fé Bettancourt Marins (1965:458). A morte sela a impossibilidade de viver em plenitude o amor que ambos sufocaram em vida.

Românticas Solitárias:

A Casa das Sete Mulheres traz duas personagens com fortes traços do romantismo literário. No romance, Rosário se encontra com um jovem oficial uruguaio ferido na cabeça, mas quando alerta as demais de sua presença elas não o vêem. Rosário fica cada vez mais solitária esperando conversar com seu amado que não passa de um espectro. Ela chega a vestir o vestido de noiva de Perpétua e vaga com ele à procura de Esteban, a mãe decide mandá-la ao convento esperando que o retiro espiritual lhe devolva a sanidade, mas ela acaba se suicidando com uma antiga espada uruguaia cravada no peito. Na minissérie, Esteban pertence ao exército inimigo, o dos imperiais e ele salva Rosário (Mariana Ximenes) do assédio de soldados do seu exército e ambos se apaixonam a ponto de que Rosário desdenhe seu noivo Corte Real.

Na minissérie o ferido é tratado e quando Esteban melhora, Rosário e Manuela ajudam o rapaz a fugir. Na guerra dos Farrapos, Corte Real fere Esteban, mas não fica claro se ele morreu. Rosário tem um pressentimento e em seus devaneios faz amor com ele no galpão. A mãe decide mandá-la ao convento pois ela está perdendo seu são juízo. No convento, ela continua seus devaneios com Esteban até que este revele que Corte Real o matou. Ela volta à estância para assistir o casamento de Perpétua (Daniela Escobar) mas termina por fugir a cavalo vestida com o vestido de noiva de Perpétua; duas ciganas que a encontram no caminho a levam de volta ao convento em cujo jardim é encontrada morta. Numa trajetória de exacerbado romantismo, Manuela (Camila Morgado) tem um papel

mais ativo pois parte do romance se constitui dos escritos de seu diário, no aspecto sentimental, no entanto, ela permanecerá cativa do breve tempo em que amou o audaz Garibaldi (Thiago Lacerda) e do qual abdicou em favor de Anita, já grávida de Garibaldi e dentro das mais puras regras do melodrama tradicional. Manuela permaneceu para o resto de sua vida como *a eterna noiva de Garibaldi* perante a sociedade riograndense, fiel ao amado que nunca retornou.

Engajadas:

Anos Rebeldes de Gilberto Braga traz uma visão da geração 68 à qual ele mesmo pertenceu que representa uma tentativa de abordar *os anos de chumbo* da política brasileira sem o excessivo edulcoramento próprio da TV. Na trama, ele contrapõe a personagem Maria Lúcia (Malu Mader) mais conservadora e individualista que não deseja seguir o caminho da militância sempre abraçado pelo pai, o jornalista Orlando Damasceno (Geraldo del Rey) e a burguesinha rica Heloísa (Cláudia de Abreu). Ao contrário da trajetória sem grandes surpresas de Maria Lúcia, a de Heloísa sofre transformações muito fortes, pois ela passa da qualidade de dondoca fútil, alienada e rica, filha de um banqueiro que colabora no financiamento ao golpe militar e passa a ser uma militante audaz que abraça a luta armada junto com João Alfredo (Cássio Gabus Mendes) indo nesta trajetória até o audaz sequestro de um embaixador estrangeiro e culminando na morte trágica crivada de balas pelas forças da repressão. Conforme nos lembra Narciso Lobo aí se *marca o destino trágico de um personagem que incorpora a vontade de muitos de desobedecer e enfrentar, quando se coloca a situação. É um papel que apenas poucos, na vida real, se dispõem a assumir até as últimas conseqüências.*(2000:226). Trata-se de um engajamento muito visceral, com conseqüências trágicas e por uma mesma ideologia de esquerda também presente no filme *Olga*, dirigido por Jaime Monjardim, mais conhecido por sua atuação como diretor de telenovelas. Olga (Camila Morgado) também pagou com a vida o preço de ser uma mulher júdia em tempos de nazismo e a sua opção ilimitada pelo comunismo.

O Tripé Ineludível: a santa, a moça de família e a pecadora:

Ao se falar das minisséries, não se pode deixar de falar da microssérie de sucesso: *O Auto da Compadecida* em termos de visão do feminino. Muito embora o auto original se refira sobretudo à Santa Nossa Senhora da Compadecida (Fernanda Montenegro), a versão televisual além de transpor *a pecadora* (Denise Fraga) do original: Dora, a mulher do

padeiro, insere Rosinha (Virginia Cavendish), a filha do Coronel que termina por apaixonar-se pelo malandro Chicó (Selton Mello). Em nossa cultura de tradição cristã, não poderia faltar uma santa que zelasse por nós do alto, e mais, intercedesse por nós qual mãe celeste na hora de precisão tal como ela o faz em relação aos malandrinhos Chicó e João Grilo. Para apimentar um pouco a história não poderia faltar a mulher do padeiro, mandona e assanhada não perdendo a oportunidade de paquerar com os homens que a rodeiam, fazer o marido de tonto (Diogo Vilela) e ainda posar de santa graças à sua esperteza similar à de João Grilo. Na obra original esta polaridade, talvez excessiva de Santa x pecadora, se transforma na microssérie num tripé com o qual o espectador pode se identificar mais: Rosinha é moça e bela, gosta de Chicó, abandona tudo e sai pelo mundo afora com Chicó e João Grilo, estes de volta à terra para uma nova aprendizagem. Assim, à perfeição do amor celeste, a compaixão de Nossa Senhora se unem o sal da pecadora e a romântica imperfeição do amor humano de Rosinha e Chicó. Em termos do feminino, vamos ter o tripé mais característico das visões mais consagradas sobre o feminino no imaginário social. As demais séries vistas, no entanto, apontam para novas e instigantes possibilidades de viver o feminino em plenitude. O público agradece, prestigia e espera com ansiedade as novas realizações...

Referências Bibliográficas:

Dicionário da TV Globo. Vol 1. Programas de Dramaturgia e Entretenimento, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, s/d.

LOBO, Narciso. Ficção e Política. O Brasil nas Minisséries. Manaus, Editora Valer, 2000.

FERNANDES, Ismael. Telenovela Brasileira. Memória. S.Paulo, Brasiliense, 1987.

BALOGH, Anna Maria. O Discurso Ficcional na TV. S. Paulo, EDUSP, 2002.

_____. Minisséries: *la crème de la crème* da ficção na TV. Revista USP. Dossiê Televisão, março-abril-maio 2004: 94-101.

_____. Conjunções, Disjunções, Transmutações. Da literatura ao cinema e à TV. S. Paulo, Annablume, 2005..

Principais Minisséries:

Grande Sertão: Veredas (1985). Original: João Guimarães Rosa. Adaptação: Walter George Durst, Rede Globo.

Memórias de um Gigolô (1986). Original: Marcos Rey. Adaptadores: Walter George Durst e Marcos Rey, direção Walter Avancini. Rede Globo.

O primo Basílio (1988). Original: Eça de Queiroz. Adaptação: Gilberto Braga e Leonor Bassères, direção Daniel Filho. Rede Globo

Desejo (1990). Roteirização: Glória Perez, direção Wolf Maya e Denise Sarraceni. Rede Globo.

Anos Rebeldes (1992). Roteiro: Gilberto Braga et alia, direção Denis Carvalho. Rede Globo.

Memorial de Maria Moura (1994). Original: Rachel de Queiroz. Adaptação: Jorge Furtado et alia, direção Denise Sarraceni et alia. Rede Globo.

Chiquinha Gonzaga . Roteiro: Lauro César Muniz e colaboradores. Direção Denis Carvalho. Rede Globo.

Os Maias (2001). Original: Eça de Queiroz. Adaptação Maria Adelaide Amaral e colaboradores. Direção Geral Luis Fernando de Carvalho. Rede Globo.

A Casa das Sete Mulheres (2003). Original> Leticia Wierzchovski. Direção Geral Jaime Monjardim. Rede Globo.

O Auto da Compadecida (1999). Original: Ariano Suassuna. Adaptação Guel Arraes e colaboradores. Direção Geral Guel Arraes. Rede Globo.